

# HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

v. 16, n. 1

## INTERFACES ENTRE A PSICANÁLISE E AS TEORIAS *QUEER*: análise documental da autobiografia de um sujeito transexual

Ana Geiciane GONÇALVES<sup>1</sup>  
Beatriz Alves VIANA<sup>2</sup>  
Ana Ramyres Andrade de ARAÚJO<sup>3</sup>  
Henrique Riedel NUNES<sup>4</sup>

### RESUMO

A Associação de Travestis e Transexuais (ANTRA) indica o Brasil enquanto o país com maior número de mortes de pessoas transexuais. Tais dados demonstram que a violência direcionada a esse público tem se agravado, confirmando a necessidade de discussões acerca desse assunto, com intuito de desconstruir preconceitos e romper com visões psicopatologizantes. Assim, este artigo discute a transexualidade a partir da teoria psicanalítica e das teorias *queer*. Para tanto, foi realizada uma análise documental da autobiografia do artista transexual Tarso Brant. A partir disso, observou-se um diálogo profícuo entre os estudos *queer* e a teoria psicanalítica, principalmente no que tange aos debates sobre gênero e sexualidade na cultura. Sustenta-se que toda a complexidade proveniente da história de Brant abre possibilidades para a compreensão da vivência *trans*, tendo em vista que há uma aposta em dar visibilidade às narrativas expostas no livro.

**Palavras-Chave:** Transexualidade; Psicanálise; Gênero; Teoria *Queer*.

### ABSTRACT

The Association of Transvestites and Transsexuals (ANTRA) indicates Brazil as the country with the highest number of deaths of transsexual people. These data demonstrate that violence directed at this public has worsened, confirming the need for discussions on this subject, with the aim of deconstructing prejudices and breaking with psychopathological views. Thus, this article discusses transsexuality from the perspective of psychoanalytic theory and queer theories. Therefore, a documentary analysis of the autobiography of the transsexual artist Tarso Brant was carried out. From this, there was a fruitful dialogue between queer studies and psychoanalytic theory, especially with regard to debates on gender and sexuality in culture. It is argued that all the complexity arising from

1 Acadêmica do décimo período do curso de Psicologia do Centro Universitário Uninta – Sobral/Ceará/Brasil.

2 Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Mestra em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Especialista em Saúde Mental e professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Uninta – Sobral/Ceará/Brasil Email: [beatrizalvesv@gmail.com](mailto:beatrizalvesv@gmail.com)

3 Mestra em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Uninta – Sobral/Ceará/Brasil.

4 Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário Uninta – Sobral/Ceará/Brasil.

Brant's story opens possibilities for understanding the transgender experience, considering that there is a bet on giving visibility to the narratives exposed in the book.

**Key words:** Transsexuality; Psychoanalysis; Genre; Queer Theory.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente aponta alguns questionamentos envolvendo a transexualidade a partir dos pressupostos da teoria psicanalítica e das teorias *queer*. Para a materialização da perspectiva adotada neste trabalho, será realizada uma análise documental da autobiografia do artista transexual Tarso Brant na obra “Vida Trans: A coragem de existir” (2017), livro conhecido por discutir questões como gênero e transexualidade na sociedade.

A partir disso, é importante destacar que de acordo com a Associação de Travestis e Transexuais (ANTRA), em 2020 houve um grande aumento de assassinatos a sujeitos transexuais no Brasil. Segundo o *Trans Murder Monitoring*<sup>5</sup> (TMM) – intitulado “Observatório de pessoas Trans Assassinadas” (2019) – o Brasil é considerado o país com maior número de mortes desse público. Tais dados demonstram que a violência direcionada aos sujeitos transexuais está se agravando a cada ano, o que confirma a necessidade de ampliar as discussões acerca desse assunto, com o intuito de desconstruir os preconceitos enraizados e romper com a visão psicopatologizante em relação à transexualidade, que frequentemente é reduzida a partir de um viés atrelado à emissão de “laudos” relacionados a demandas hormonais, cirúrgicas e troca civil de nomes. Sabe-se que durante muito tempo a CID-10 (Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) definia as pessoas transexuais como sujeitos portadores de um transtorno de identidade sexual, concepção que gerou a reprodução de diversas compreensões preconceituosas e estigmatizantes em relação à transexualidade no campo da cultura.<sup>6</sup>

Santos e Arán (2011) afirmam que dissertar sobre a transexualidade é discutir como a cultura ocidental tem construído categorias como corpo, gênero e

<sup>5</sup> Faz o monitoramento de experiências de pessoas trans e gêneros-diversas com violência e criminalidade desde 2009 e costuma divulgar dados atualizados no dia 20 de novembro de cada ano.

<sup>6</sup> Além disso, é importante ressaltar que, segundo Alessandrini (2012, p.150, *tradução nossa*), “a definição de ‘disforia de gênero’ no último DSM 5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) reconhece as pessoas trans como ‘a convicção de que tem reações e sentimentos pertencentes ao outro gênero ou a qualquer outro gênero alternativo diferente do gênero atribuído’”.

sexualidade. Considera-se que apesar das diversas conquistas de direitos por parte das pessoas transexuais – como, por exemplo, o reconhecimento de que esses sujeitos tenham sua identidade de gênero garantida e sejam tratados pelo nome social, segundo o decreto nº 8.727 – ainda é possível constatar visões sociais bastante preconceituosas. Thomas, Espineira e Alessandrin (2013) apontam diversas consequências da transfobia para as vítimas deste fenômeno, tais como o medo do acesso a espaços públicos (banheiros e vestiários), o isolamento social, dentre outros.

Segundo Bento e Pelúcio (2012), houve muitas mobilizações a favor da construção de uma maior visibilidade da população trans ao longo do tempo. Os autores apontam como principais mobilizações e conquista de direitos:

- 1) a retirada do Transtorno de Identidade de Gênero (TIG) do DSM-V e do CID- 11; 2) retirada da menção de sexo dos documentos oficiais; 3) abolição dos tratamentos de normalização binária para pessoas intersexo; 4) livre acesso aos tratamentos hormonais e às cirurgias (sem a tutela psiquiátrica); e 5) luta contra a transfobia, propiciando a educação e a inserção social das pessoas transexuais (BENTO & PELÚCIO, 2012, p.573).

Um dos aspectos fundamentais para que tais conquistas fossem possíveis foi a desconstrução da noção de gênero. Entende-se que a noção de gênero não está relacionada à condição do sexo biológico – reduzido ao binômio masculino e feminino. Trata-se, fundamentalmente, de um componente construído a partir das relações sociais, do conjunto de vínculos e relacionamentos dos quais o sujeito faz parte e aos quais se identifica (BUTLER apud COSSI & DUKER, 2017, p.01).

Entendemos que é de fundamental importância discussões nesse âmbito, com o objetivo de compreender as normas afetivas e sexuais impostas pela cultura e de que forma tais modelos estão implicados no modo como produzimos o conhecimento, o poder e a educação. Abrir possibilidades de reflexão sobre tais questões possibilita a dissolução de categorizações e padronizações, com o intuito de combater a transfobia, a segregação, a exclusão, o preconceito e a intolerância contra toda a população LGBTQIA+.

Para melhor compreender tais questões, é importante aprofundar e dar visibilidade à própria narrativa dos sujeitos transexuais. Por isso, optou-se por compreender, via pesquisa documental, as vivências singulares relatadas na autobiografia de Tarso Brant no livro “Vida Trans: a coragem de existir” (2017), construindo uma análise da sua trajetória de vida e de suas narrativas singulares em

relação à vivência transexual e de gênero, que não podem ser relacionadas a modelos normativos atrelados ao sexo biológico.

Assim, pretende-se fazer uma leitura psicanalítica da análise das narrativas e vivências apresentadas na autobiografia mencionada, entendendo que a psicanálise deve se posicionar de forma contrária às concepções que buscam policiar as sexualidades e as vivências de gênero, além de se contrapor à perspectiva psicopatológica proveniente de alguns protocolos e saberes médico-jurídicos em relação à transexualidade (AYOUCHE, 2016, p.25).

Para compreender a noção de transexualidade é necessário, antes de tudo, entender como a concepção de gênero é construída para um sujeito. Desde o início de suas elaborações teóricas, Freud (1923/1996) já apontava que a existência da sexualidade humana não é definida a partir da escolha de objeto atrelada ao par homem-mulher. Logo, a psicanálise enquanto clínica deve “[...] apreender os percursos plurais trans como diversas possibilidades de identificação de gênero, que resultam de uma sucessão de escolhas mais ou menos livres procedendo de singularidades individuais e de encontros sociais[...]” (AYOUCHE, 2016, p.30).

Portanto, o percurso teórico a ser traçado neste trabalho inicia com uma discussão sobre as noções de gênero e transexualidade a partir das aproximações e tensões entre o pensamento clínico inerente à psicanálise e os estudos *queer*, para, posteriormente, adentrar uma reflexão sobre as construções históricas e contemporâneas sobre a importância da despatologização da transexualidade. Por fim, baseando-se nas discussões traçadas, pretende-se produzir uma análise documental aprofundada da autobiografia de Tarso Brant, visando compreender de forma singular sua vivência transexual e a contribuição que a clínica psicanalítica e as teorias *queer* podem ter para essa discussão, contemplando questões como as angústias vivenciadas por Brant, suas tramas familiares, a influência dos determinantes sociais sobre o corpo e suas experiências subjetivas.

## 2. METODOLOGIA

Por se tratar de uma análise de forma detalhada da autobiografia de Tarso Brant à luz do referencial teórico psicanalítico e dos estudos *queer*, este artigo consiste em uma pesquisa de abordagem qualitativa de cunho documental, do tipo estudo de caso.

A pesquisa qualitativa busca uma compreensão subjetiva da temática a ser explorada sem se preocupar com uma representatividade numérica, mas com a apreensão de um sujeito ou grupo social (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p.31).

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007, p.41).

Além disso, para analisar a autobiografia mencionada o método de pesquisa documental foi utilizado. Apesar de assemelhar-se à pesquisa bibliográfica, tal método tem como diferença essencial a natureza das fontes: “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (*ibid.*, p.46). A análise documental segue algumas fases específicas, a saber: 1. Avaliação crítica da documentação, incluindo sua contextualização social, cultural e política; 2. Investigação sobre o autor do documento; 3. Verificação da estrutura interna do documento, investigando as principais ideias e conceitos-chaves inerentes ao texto; 4. Organização do material colhido segundo os critérios de pertinência dos objetivos propostos e pré-definidos.

A escolha de tal método deve-se à consideração de que fontes documentais apresentam uma base rica e estável de dados, principalmente no caso de autobiografias, instrumento escolhido para ser utilizado neste trabalho. Pretende-se, como dissemos, fazer uma análise aprofundada da autobiografia de Tarso Brant, que é ator, modelo, escritor, *digital influencer* e busca, por meio das redes sociais, dar visibilidade à luta da população trans.

O livro mencionado traz relatos de pessoas trans por meio de depoimentos bastante intensos e detalhados sobre suas histórias de vida. São expostas as narrativas de pessoas transexuais como Amara Moira, João W. Nery, Márcia Rocha e Tarso Brant, que apresentam abertamente relatos sobre suas vivências de gênero, tais como o momento em que sentiram sensações de inadequação diante dos padrões sociais impostos, suas percepções em torno de seus corpos, as experiências de impacto diante do preconceito dentro e fora da família e o sentimento de liberdade ao se apropriarem de suas identidades de gênero. Neste trabalho iremos investigar apenas os relatos de Tarso Brant.

É importante destacar, antes de tudo, que o intuito desta pesquisa não é “psicanalisar”<sup>7</sup> essa autobiografia, mas sim discutir, pelas aproximações e tensões da psicanálise com as teorias *queer* – e por meio das palavras de Brant –, como se deram as vivências, narrativas e descobertas em torno da transexualidade, na vertente de um estudo de caso, tal como propõe a clínica psicanalítica.

O próprio Freud (apud FUCKS, 2007) criador da psicanálise, traz esse viés metodológico em uma de suas análises, quando escreve sobre a autobiografia de Schreber, tido enquanto um sujeito com quadro de paranoia. A partir dos relatos apresentados por Schreber durante seu período de internação, Freud (1911-1913/1996) publica uma análise psicanalítica sobre este caso. Nesse seguimento, concordamos com Zanetti e Kupfer (2006, p.172) quando apontam que “o relato do caso é o primeiro passo e ao mesmo tempo o passo fundamental para o encontro da experiência psicanalítica com a elaboração teórica”.

Portanto, com a análise detalhada da autobiografia de Tarso Brant almeja-se considerar suas diversas implicações antes de formular considerações finais que permitam uma melhor visão sobre a problemática, a saber: a compreensão e a vivência de gênero de um sujeito transexual. Nesta pesquisa, o documento utilizado foi analisado à luz da teoria psicanalítica em interface com as teorias de gênero contemporâneas – estudos *queer*. Todo o processo investigativo documental foi realizado entre os meses de março e junho de 2021. A análise do documento colhido permitiu uma compreensão ampliada sobre as vivências de gênero compartilhadas por muitos sujeitos transexuais, bem como uma maior visibilidade em relação às discussões sobre esse público.

### **3. GÊNERO E TRANSEXUALIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE E DAS TEORIAS *QUEER***

No decorrer da história da psicanálise, diversos autores se dedicaram a discutir as temáticas de gênero e transexualidade a partir de diversas perspectivas. Muitos deles partiram de uma visão psicopatológica sobre a transexualidade, outros tentaram romper com tal concepção, declarando-a bastante reducionista. Para entendermos melhor como esse percurso discursivo foi desenvolvido no decorrer do

---

<sup>7</sup> Trata-se dos processos psicanalíticos, como análise e diagnóstico estrutural.

tempo, é necessário aprofundar cada uma das principais vertentes teóricas que foram elaboradas dentro do campo psicanalítico.

A noção de identidade de gênero nasce, na psicanálise, com Stoller (1968), autor que elaborou uma teoria sobre as “patologias do gênero sexual”. Stoller tinha como objetivo teórico diferenciar o que ele chamava de “sexo anatômico” e “sexo psicológico”. Ao elaborar de forma mais detalhada a sua visão sobre a transexualidade, afirma que um homem trans seria “uma mulher bissexual, cronicamente deprimida, com uma intensa inveja do pênis e um desejo apenas parcialmente suprimido de ser homem” (STOLLER, 1975/1982, p.27-8). Para ele, a transexualidade era uma patologia da identidade de gênero, fruto de um possível desacordo entre o corpo anatômico e o corpo psicológico, que causava sofrimento psíquico e só poderia ser reparado com tratamentos hormonais, cirurgias, ou qualquer outro meio de transformação corporal de gênero.

De acordo com esse autor, para entender as origens da masculinidade e da feminilidade deveríamos recorrer conjuntamente à teoria psicanalítica, às teorias de aprendizagem e à biologia. Caso cada uma dessas áreas fosse tomada isoladamente, as explicações seriam equivocadas. Stoller (1975/1982) acreditava que os distúrbios de gênero poderiam ser evitados se detectados precocemente, como na infância. Para o autor, a compreensão precoce da vivência transexual por parte do sujeito indicava que se tratava de um trans primário. Entretanto, quando tais sujeitos manifestavam tardiamente seu desejo de mudança corporal, eram considerados transexuais secundários. A cirurgia de transgenitalização, segundo o psicanalista americano, só poderia ser indicada às pessoas que apresentavam uma vivência transexual desde a infância.

Stoller (1975/1982) afirmava que o “transexualismo”<sup>8</sup> não é um delírio, mas uma ilusão construída por uma vivência patológica. O autor sustenta, ademais, que a transexualidade masculina seria ocasionada a partir do vínculo com a mãe, algo que servia como impedimento ao desenvolvimento da masculinidade do sujeito. No que se refere à transexualidade feminina, esta seria ocasionada pela aproximação e identificação com o pai.

Chiland (2005), por sua vez, elabora sua teoria sobre a transexualidade a partir das concepções construídas por Stoller já mencionadas acima. A autora

---

<sup>8</sup> “O termo transexualismo foi deixado de ser utilizado devido ao seu sufixo ‘ismo’ que denota uma patologia, por isso foi substituído por transexualidade” (BENJAMIN, 1966, p.428, *tradução nossa*).

considera a transexualidade como “uma doença do narcisismo própria a sujeitos estado-limite, para os quais toda elaboração é em curto-circuito, evacuada no ato e no corpo” [tradução nossa] (CHILAND, 2005, p.567). Para a autora, a transexualidade é um conflito psíquico e os sujeitos transexuais “sofrem tão-somente de um erro na natureza” (CHILAND, 2008, p.567). Dito de outra forma, ela acreditava que se tratava de uma “doença do narcisismo” (CHILAND, 2008), na qual o sujeito constrói o seu Eu (*self*) e a sua existência ao preço de uma identidade sexual contrária. Em sua compreensão clínica, os transexuais se apresentam no limite das patologias e no estado limite pela difusão da identidade, propondo que “o transexualismo é uma defesa contra a psicose, pois naturalmente não é uma neurose” (CHILAND, 2008, p.76).

Na esteira dessa discussão, a partir da teoria lacaniana surge a percepção da transexualidade como uma psicose, o que parece ser uma ideia constante no movimento psicanalítico. Lacan (1971/2009), ressaltou a importância do livro *Sex and Gender*<sup>9</sup>, que retrata a vivência transexual a partir de alguns casos observados. O autor considera que, nesse livro, a face psicótica dos casos apresentados foi evitada (LACAN apud KOSOVSKI, 2016). Lacan (1971/2009) se opõe aos discursos de Freud e Stoller, quando afirmam que o “transexualismo” é um desejo de passar para o sexo oposto independentemente das consequências.

A partir da perspectiva lacaniana, Millot (1992) sugere a ideia de que o sujeito transexual reproduz o sonho de abolir os limites do real devido à negação da sua diferença sexual. Para Czermak (1991), por outro lado, o “transexualismo” – como ele mesmo coloca – é uma clara manifestação de um quadro psicótico. O autor entende a transexualidade como um quadro clínico que emerge a partir da fragilização das estruturas simbólicas na atualidade. Em sua definição, a vivência transexual está “sob a vaga forma daquilo que se costuma chamar de homossexualidade psicótica” (CZERMAK, 1991, p.25), sendo considerada uma patologia da sexualidade. Para o autor, essa patologia enfatizaria os limites da situação, “deixando em sua carne e em sua existência as marcas por onde o Real<sup>10</sup> vem responder ao impossível” (CZERMAK, 1991, p.45). O autor aponta, ademais, que as demandas por intervenções cirúrgicas por parte dos sujeitos transexuais são

9 Obra publicada em 1968, pelo psicanalista Stoller, na qual ele relata casos com temas referentes ao desenvolvimento, à manutenção e à manifestação da masculinidade e da feminilidade.

10 Termo originado por Lacan (1964/1998), que significa o que está fora, aquilo que é impossível de ser simbolizado, que não tem inscrição no psiquismo.

a manifestação de uma resposta a algo que lhes falta, além de serem consideradas sinais de um quadro de psicose.

Ainda nas questões estruturais, o pensamento de Czermak (1991, p. 243) coloca em jogo “o que se chama de transexualismo puro, típico, primário, que não é senão um caso local da questão geral do transexualismo, presente em todas as psicoses”, sendo por ele mencionado também como uma patologia da identidade sexual. Essa mesma discussão é reiterada por Henri Frignet (1999, p.86, *tradução nossa*):

Essa identificação real que a transexual recusa, e é esta diferença, para ele inacessível, que vai fazer retorno no real sob a forma de reivindicação de ser de outro sexo — outro no imaginário e Outro no simbólico —, com a demanda de redesignação anatômica, no imaginário e no real, que lhe acompanha, e a demanda de modificação, visando — sem espera — o simbólico, desta vez no seu estado civil.

Ainda nesse seguimento, no que se refere à perspectiva de Ceccarelli (2008), “as transexualidades” – conforme define a autora – representam a forma mais radical da noção de identidade. Em suas palavras “os transexuais relatam a sensação de possuir um corpo disforme, doente, monstruoso; habitando um corpo que não lhes é próprio” (CECCARELLI, 2008, p.17). Ela destaca que apesar de todos os métodos estéticos para transformar o corpo, essa mudança nunca será totalmente realizada, pois há uma natureza biológica inata a esses sujeitos.

Consideramos que as linhas teóricas psicanalíticas discutidas por esses autores, embora tentem explanar uma divergência em relação ao campo médico e jurídico, retomam de uma forma explícita uma patologização psiquiátrica. Por conta disso, sublinhamos a necessidade de romper de forma rigorosa com os paradigmas psicopatologizantes em torno das concepções de gênero e transexualidade, por meio de uma revisão constante e ativa desses conceitos, uma vez que, desde Freud (1915/1996), com sua formulação da noção de pulsão<sup>11</sup>, podemos visualizar uma preocupação da psicanálise em subverter qualquer possibilidade de padronização ou naturalização da sexualidade humana. O conceito de pulsão, por exemplo, contraria o modelo imposto pela noção de instinto, que está relacionado a uma ação sexual animal rigidamente biológica, orientada a objetos sexuais específicos com foco na reprodução. A ação pulsional, por outro lado, passa por outras vias, sendo

<sup>11</sup> O conceito de pulsão (*Trieb*) foi elaborado por Freud (1915/1967) para designar o limite entre o somático e o psíquico, que é frequentemente apresentado por algumas traduções, equivocadamente, como instinto (*Instinkt*), mas que deve ser radicalmente distinguido deste.

variáveis e substituíveis os objetos da pulsão, relacionados aos aspectos psíquicos e da linguagem.

No que se refere a essa tentativa de rompimento com as discussões psicopatologizantes e padronizadas em torno da sexualidade, podemos vislumbrar um diálogo bastante profícuo da psicanálise com as elaborações propostas por Butler em sua “teoria *queer*”.

A teoria *queer* foi forjada com objetivo de repensar novas e antigas perspectivas das construções sociais que levam à discriminação e ao preconceito com as identidades transgêneros, além de buscar problematizar a desnaturalização das questões que envolvem os sexos biológicos (FIGUEIREDO, 2018). Tal perspectiva teórica parte do pressuposto de que o corpo não é um fato estático, pré-definido e consumado, mas um processo ativo, dinâmico, algo que pode ser transformado, que excede e questiona as normas (PORCHAT, 2018).

O termo “*queer*”, ao ser traduzido para a língua portuguesa, recebe o significado de “excêntrico, raro, estranho, talvez ridículo”. Por conta disso, Butler (2002) afirma que a teoria *queer* adquire todo o seu poder quando lança uma crítica à lógica dominante, que institui uma ordem compulsória acerca de noções como sexo, gênero e desejo, estabelecendo um padrão de normalidade que gera efeitos de exclusão e opressão. Nessa perspectiva, a teoria *queer* busca se separar da imposição exacerbada de padronização e definição rígida dos sujeitos, na tentativa de construir novas possibilidades de identidades.

Para Rocha (2014), a teoria *queer* pretende realizar a desconstrução da categoria de sujeito, defendendo a instabilidade e a indeterminação de todas as identidades sexuadas e generificadas. É a partir daí que emerge a famosa crítica à noção de sexo enquanto “uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros” (FIGUEREDO, 2018, p. 43).

Ademais, é importante destacar que os estudos sobre essa teoria sublinham uma crítica à centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual ou masculino/feminino para a organização da vida social contemporânea, dando mais atenção a uma discussão sobre a política da diferença.

Dito de outra forma, “a estratégia do *queer* é politizar a abjeção, impulsionar sua ressignificação com a finalidade de criar estratégias de sobrevivência para que as vidas *queer* sejam legíveis, valorizadas, merecedoras de apoio e de reconhecimento” (PINO, 2007, p.162). O *queer*, portanto, estaria relacionado ao estudo de conhecimentos e práticas sociais que organizam a sociedade como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais (SEIDMAN, 1996).

Em outras palavras, as reflexões *queer* afirmam que a ordem política e cultural da heterossexualidade compulsória garante os privilégios políticos, culturais e até econômicos daqueles que vivem dentro de suas prescrições. Ainda nesse seguimento, Butler (2006) afirma que o objetivo maior da teoria *queer* é opor-se à legislação não-voluntária das identidades, e não apenas discutir a sua plasticidade ou seu caráter retrógrado.

Ainda que a teoria *queer* se oponha àqueles que desejam regular a identidade e estabelecer premissas epistemológicas prioritárias para quem reclama um certo tipo de identidade, ela não só busca expandir a comunidade de ativismo anti-homofóbico, mas também insiste que a sexualidade não se resume facilmente nem se unifica através de categorizações (BUTLER, 1990/2003).

O estigma cultural da binaridade é contrariado na teoria *queer*, que vai na contramão da dicotomia homem-mulher ao afirmar que a identidade de gênero é a definição que o próprio sujeito dá ao seu corpo: “os corpos, assim, não se conformam diretamente às regras que os regulam, nunca aderindo completamente às normas que impõem as suas materializações” (BUTLER, 1999. p.154, *tradução nossa*)

Ademais, a teoria *queer* se opõe às perspectivas excludentes e lida com o gênero como algo cultural. Considera que o masculino e o feminino está presente em homens e mulheres, de forma que cada pessoa tem características que podem se qualificar como masculinas ou femininas, independente do sexo biológico (SILVA et. al, 2015).

Segundo Butler (1990/2005), não existe nenhuma natureza ontológica, não há nenhuma diferença anatômica entre os sexos que não seja sempre já incluída numa instituição cultural do gênero, construída socialmente e definida historicamente. É

imprescindível, portanto, que a psicanálise esteja aberta às experiências de transidentidades, entendendo que o sujeito e suas experiências sexuais se constroem a partir de um contexto histórico, político e social que pode influenciar suas escolhas identitárias de maneira fundamental.

Sobre isso, as psicanalistas Martins e Poli (2018, p.56) afirmam que o “eixo simbólico também está sujeito às transformações da cultura, e nunca as identificações se mostraram tão fluidas e intercambiáveis quanto na atualidade”. As autoras ressaltam ainda que há outros grupos identitários que precisam ser valorizados: “diariamente, surgem novos grupos identitários, que reivindicam, com justa razão, o reconhecimento de suas existências no campo do Outro, na ordem social” (*ibid.*, p.56). Defendemos a ideia de que os psicanalistas não podem retroceder diante da problemática da transexualidade, assim como precisam deixar de tratá-la a partir de um viés psicopatológico – como podemos perceber nas elaborações de muitos autores no percurso teórico apresentado acima. Cabe ressaltar, também, que os apontamentos enfatizam não apenas um problema teórico, mas uma questão política, relacionada aos direitos humanos. Conforme apontam Martins e Poli (2018, p.65):

A postura teórica torna-se também política: trata-se do reinvestimento no lugar da fala, acolhendo o que cada sujeito enuncia sobre a sua posição sexuada. De fato, a articulação entre os discursos médico/psicológico/jurídico tem contribuído para desqualificar os lugares de enunciação da transexualidade, pois aqui será sempre o Outro quem deterá o direito legítimo de afirmar uma verdade sobre o sexo, independente do que dizem os sujeitos trans. Nessa perspectiva, a inteligibilidade da transexualidade no campo da cultura ainda permanece fortemente atrelada à emissão dos ‘laudos’, instrumento necessário para fundamentar a demanda cirúrgica, hormonal e a requalificação civil. A diferença da homossexualidade, que atravessou um longo processo histórico de despatologização, a transexualidade ainda não conseguiu adquirir uma relativa independência com relação ao discurso médico, como se ela não existisse socialmente fora do regime psicopatológico.

A partir dessa perspectiva, Ayouch (2015) afirma que pensar a transidentidade dentro do campo psicanalítico significa ampliar a discussão para além das ideias reducionistas focadas na binaridade e na genitalidade, pontos que a maioria dos psicanalistas se apressou em discutir ao longo da história. Diz o autor:

Para poder apreender essa multiplicidade de gênero constitutiva do inconsciente, uma psicanálise das transidentidades precisa então historicizar a diferença entre os sexos. Lembremos que o gênero não é só uma relação histórica de dominação das mulheres pelos homens: ele é também uma ordem normativa que erige uma fronteira entre duas categorias de sexo, e perpetra uma opressão precisamente por essa dualização. Contudo, essa dualização é na verdade historicamente situada. (AYOUCH, 2015, p.28).

Os protótipos das transidentidades pressupõem discutir a própria categoria de identidade no preceito da identidade de gênero. Tanto no campo da psicanálise quanto nos estudos *queer*, a identidade sexual nunca é categórica, pois resulta de um processo e das relações do sujeito com o seu contexto social e histórico. O pertencimento a um gênero é entendido como uma forma identitária do sujeito, ou seja, ele se forma e se transforma a partir de uma identificação com as pessoas que lhe são referências na vida.

Alguns outros autores da psicanálise desenvolvem contextualizações sobre gênero que seguem a mesma perspectiva mencionada acima. Segundo Laplanche (2015, p.153):

O gênero é plural. Pode ser duplo, como masculino-feminino, mas não o é por natureza. Muitas vezes é plural, como na história das línguas e na evolução social. O sexo é dual. Tanto pela reprodução sexuada como por sua simbolização humana, que fixa essa dualidade de maneira estereotipada em: presença/ausência, fático/castrado. O sexual é múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud que encontra seu fundamento no recalçamento, no inconsciente, no fantasma. É o objeto da psicanálise. Proposição: O sexual é o resíduo inconsciente do recalçamento-simbolização do gênero pelo sexo.

De acordo com Bento (2006, p.230), “acredita-se que os/as transexuais desejam realizar intervenções em seus corpos para que possam estabelecer a unidade entre identidade de gênero e sexualidade, quando o que os/as transexuais buscam com essas cirurgias reparadoras é o reconhecimento de seu pertencimento à humanidade”<sup>12</sup>.

Ademais, segundo Stona e Ferrari (2020, p.04), “[...]o órgão não define diretamente o lugar de enunciação e o entendimento de seu próprio corpo, pois este está relacionado à heterogeneidade da linguagem, e não à literalidade de uma suposta diferença sexual”. Para entender de forma mais clara tal argumento, citaremos Ayouch (2015 p. 28, 29):

No entanto, para muitas pessoas trans, mudar de aparelho genital não faz necessariamente sentido, já que os dois sexos são contestados na sua naturalidade e unicidade. Desfazer a binaridade dos sexos significa também acabar com a ideia bem problemática de que a sexualidade é escolha do mesmo ou do outro sexo. Isso implicaria, pela psicanálise, repensar um desejo trans, em que a sexualidade não está vinculada à estabilidade ou à

<sup>12</sup> Sobre isso, podemos lembrar que, de acordo com a teoria psicanalítica, o sujeito se constitui a partir do campo do Outro, também chamado de campo simbólico ou da linguagem. Assim, é justamente nessa relação com o Outro que vão sendo constituídos os três registros psíquicos nomeados por Lacan (1964/1998), a saber: o registro imaginário, o registro simbólico e o registro do real. Tais registros se articulam, constituem o sujeito e estão relacionados com o tipo de relação que ele tem com o seu desejo.

existência dos sexos. Uma pessoa transgênero pode ser atraída por homens, mulheres, sem que seja possível dizer que é atraída pelo seu sexo ou por outro. A multiplicidade das combinações e a impossibilidade de um ponto de vista classificatório objetivo abrem assim a possibilidade de uma política subversiva das minorias sexuais e de uma renovação do pensamento psicanalítico da pulsão polimorfa.

Ademais, Ayouch afirma que algumas vertentes psicanalíticas que tentam elaborar sobre a noção de transexualidade não valorizam uma escuta dos sujeitos que são atravessados por essa vivência e, portanto, tais autores acabam por limitar sua experiência e suas elaborações teóricas, manifestando, assim, “[...]uma indigência deplorável na criatividade teórica e uma preocupante surdez clínica” (AYOUCH, 2015, p.25).

Partindo desse resgate histórico da transexualidade na psicanálise, podemos perceber até que ponto uma certa leitura psicanalítica produz o diagnóstico da transexualidade ancorado em um sistema de sexo e gênero que pretende estabelecer fronteiras e limites entre o normal e o patológico. Segundo Arán (2006, p.58), essa matriz cissexista<sup>13</sup> deixa todo o resto incompreensível, caso não corresponda ao sistema binário hierárquico, “[...]permanecendo como um excesso impossível de ser inscrito no âmbito simbólico[...]”, o que, ao nosso ver, pode trazer por consequência diversas intervenções transfóbicas na clínica.

Os psicanalistas Jorge e Travassos, em seu livro “Transexualidade” (2018, p.13) destacam “a importância de nunca encerrar a transexualidade numa discussão entre normal e patológico, mas situá-la nas encruzilhadas da cultura e seus efeitos sobre nossa vivência da sexualidade”. Uma vez que “o sexo é da ordem do real do corpo, da anatomia e da biologia; gênero é da ordem do simbólico e do imaginário, isto é, do sentido da cultura na qual as pessoas vivem e atribuem o que considera como masculino e feminino” (*ibid.*, p.43), não podemos considerar a transexualidade a partir de um viés psicopatologizante.

Neste seguimento, apontamos a psicanálise como uma teoria que nos faz trabalhar sob o ato, escutando e reconhecendo o sujeito naquilo que lhe é subjetivo, principalmente porque as novas formas de enunciação do sujeito – em ação no social e na cultura – promovem novos métodos de lidar com os conflitos psíquicos e formulam as posições frente a pontos teóricos psicanalíticos (STONA & FERRARI, 2020, p.08). É necessário desconstruir e repensar a própria teoria psicanalítica

<sup>13</sup> CIS é um termo utilizado para a pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento.

(AYOUCHE, 2015), visto que “a psicanálise, hoje, é outra” (PORCHAT, 2018, p.37). Nessa tentativa, alguns autores psicanalistas buscam contribuir com essa discussão tão polêmica, de forma a romper com as teorias clássicas que integravam a transexualidade a uma psicose. Entende-se, assim como Jorge e Travassos (2018, p.44), que “para a psicanálise, cada sexualidade é singular e se constrói segundo processos inconscientes cuja complexidade não pode ser reduzida a uma nomenclatura qualquer”.

A partir do exposto, podemos visualizar as possíveis interfaces entre a teoria psicanalítica e os estudos *queer* por meio de diversos pontos de articulações e tensões que nos auxiliam em uma maior apropriação das noções de gênero e transexualidade. Desse modo, por meio da base teórica consistente e cuidadosa realizada neste primeiro tópico discursivo, tentaremos, adiante, adentrar a análise documental da autobiografia de Tarso Brant, utilizando as elaborações mencionadas como referencial teórico e crítico de leitura dos dados que serão tratados.

## **4. ANÁLISE DOCUMENTAL DO LIVRO DO TARSO BRANT: ARTICULAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E TEORIA *QUEER***

### **4.1. Discussão sobre o livro ‘Vidas trans, a coragem de existir’**

Tarso Brant nasceu em Belo Horizonte e ficou nacionalmente conhecido após exibir sua transição de gênero abertamente em suas redes sociais, participando de programas para falar sobre suas vivências. Ele é *digital influencer*, ator, modelo e escritor. A partir de seu trabalho enquanto escritor, teve a oportunidade de auxiliar a também escritora Glória Perez na criação de um personagem trans para uma de suas novelas. Na sua infância, lidou com diversos conflitos pessoais e familiares, mas sempre teve o apoio de seus pais em seu processo de transição ao se autodeclarar um homem transexual.

O livro “Vida trans, a coragem de existir: a luta de transgêneros brasileiros em busca de seu espaço social” retrata as narrativas de três sujeitos transexuais, dentre eles o próprio Tarso Brant. No que se refere à história narrada por Tarso, ele relata que, quando criança, não se identificava com a sua própria imagem no espelho enquanto mulher, por isso passou a questionar-se sobre seu próprio corpo e sua forma de se vestir: “olhava-me no espelho e não me via dessa forma, eu era

diferente e a cada dia crescia em mim um sentimento muito forte de liberdade, liberdade para ser o que quisesse, porém ainda não sabia como nem por quê”. (BRANT, 2017, p.139).

Tarso relata, ainda, que teve uma adolescência bastante conturbada morando na casa de seus tios. Nesse período, aproximou-se de alguns primos, com os quais frequentava boates para menores de idade. Tarso, ainda antes de sua transição, quando se autodeclarou um homem trans, aponta que, naquela época, se identificava cada vez menos com a imagem feminina. Em suas palavras: “não aguentava ser Cristhina por muito tempo, ela era parte de mim, mas definitivamente não era a principal: eu mesmo” (BRANT, 2017, p.146). No contexto intrafamiliar, as contradições em relação ao gênero começavam a aparecer e as exigências sociais para que Tarso se apresentasse como mulher – de acordo com o seu sexo biológico – foram aumentando, o que foi lhe causando bastante sofrimento.

Compreendemos que tal sofrimento, proveniente das pressões sociais impostas aos sujeitos considerados fora do padrão hetero-cis-normativo, é entendido por Porchat (2012) como uma opressão construída a partir dos ideais de um mundo binário, que reforça e reproduz papéis sociais padronizados a partir de perspectivas biologizantes que tentam determinar o gênero e o comportamento das pessoas. Tais pressões podem produzir um grande sofrimento nos próprios sujeitos que escolhem não se apresentar de acordo com uma dita coerência entre o sexo anatômico e a identidade de gênero, sendo, portanto, “excluídos da matriz de inteligibilidade e se tornando um gênero não inteligível, uma esfera do abjeto. São jogados fora, deixam de existir até mesmo enquanto sujeitos” (PORCHAT, 2012, p.120)

Ainda na narrativa de Tarso Brant, ele relata ter se interessado por duas garotas do grupo de esportes de que participava durante a sua adolescência. Como forma de aproximar-se delas, criou dois perfis masculinos falsos em uma rede social. Quando as garotas descobriram que se tratava de perfis falsos, acusaram Tarso, chamando-o de “doente”. Aliado a esse episódio, amigos e familiares próximos passaram a questionar constantemente sua orientação sexual de forma bastante preconceituosa e opressora. Com isso, Tarso passou a sentir-se oprimido e desconfortável com tais situações e tentou adequar-se aos padrões sociais, mentindo e escondendo os traços masculinos aos quais se identificava para ser aceito pelas pessoas que o cercavam.

A lógica heteronormativa e reducionista, na qual Tarso estava inserido, estabelecia de forma impositiva um padrão entre o sexo biológico, o desejo afetivo e a identidade de gênero, demandando que ele ocupasse papéis do gênero feminino (BUTLER, 1990/2003). Sabe-se que o mundo binário leva os sujeitos fora dos padrões sociais tido como inteligíveis ao sentimento de inadequação, o que faz com que eles tentem se enquadrar a partir do padrão estabelecido.

No entanto, Tarso passou a se sentir revoltado por não ter a liberdade para ser quem gostaria: “a cada dia que passava, estava mais insatisfeito com a aparência nada eu” (BRANT, 2017, p.150). Com toda essa insatisfação e após alguns conflitos intrafamiliares, Brant decide cortar seu cabelo como primeiro passo a caminho de sua liberdade de expressão e apropriação de sua identidade. Ao sair pelas ruas vestido da forma como se identificava, ouviu muitos comentários negativos e preconceituosos. No entanto, após receber o apoio de um de seus amigos, sentiu-se compreendido e cada vez mais forte para se posicionar diante de suas vivências de gênero.

Quando começou a se relacionar amorosamente com as mulheres, Tarso descreve que sempre era questionado sobre sua aparência, pois, devido à escolha do cabelo curto e de suas vestimentas, sua transição se tornou mais evidente. Sobre esse período, Brant relata que os olhares preconceituosos se tornaram cada vez mais frequentes, pois as pessoas questionavam constantemente a sua orientação sexual: “Encontro-me imerso sobre essa ideia distorcida do que é ser HOMEM, eu não afirmava nada em relação a mim” (*ibid.*, p.157). Tarso diz que, apesar de as pessoas elogiarem sua aparência masculina, quando ele se apresentava como Cristhina ou olhava-se no espelho todo o desconforto e mal-estar voltavam. Pode-se perceber que, nesse período, as pessoas passaram a demonstrar maior compreensão em relação à escolha afetiva e sexual de Tarso por mulheres, no entanto, não percebiam que o maior sofrimento de Brant não estava relacionado ao seu desejo afetivo, mas à sua identidade de gênero, que lhe causava um sentimento de inadequação – inclusive em seus relacionamentos amorosos. Brant expõe que havia, cotidianamente, a sensação da existência de uma falta e de uma cobrança por uma coerência cisheteronormativa, que se apresentava tanto a partir de falas de suas parceiras amorosas quanto das imposições dele mesmo. Nessa época, Tarso diz que buscava constantemente formas de esconder suas feições femininas,

utilizando corriqueiramente *tops* de academia e realizando exercícios físicos para aumentar sua musculatura, com o objetivo de esconder os seios.

Não se trata de amar alguém do mesmo sexo e, para isso, querer ser do outro sexo. Trata-se de sentir que não se pertence ao gênero atribuído em função de sua anatomia e ter, exclusivamente como opção, que tentar se adequar ao sexo oposto, pois somente há dois. A ideia aqui é a de que, havendo a possibilidade de outros gêneros – do ponto de vista jurídico e social de modo geral –, o sofrimento fosse amenizado (PORCHAT, 2012, p.121).

Ademais, Brant aponta que, no decorrer do tempo, as pessoas passaram a chamá-lo de aberração, desaprovando sua aparência masculina e o referenciando como má influência para outras pessoas, algo que lhe causava grande desconforto e sofrimento. Posteriormente, através de um amigo que estava vivenciando situações semelhantes, conheceu o grupo FTM (Feminino Trans Masculino), que foi fundamental para que Tarso pudesse compreender teoricamente a relação entre a sexualidade, sua própria vivência de gênero e as imposições culturais: “Caramba! Não sou o único, isso [o sofrimento em torno da vivência transexual por conta do preconceito das pessoas] é uma coisa que é reversível, dá para eu mudar a minha aparência!” (BRANT, 2017, p.163). Para ele, esse foi o começo dos estudos sobre o assunto. A partir disso, passou a tomar hormônios de forma clandestina. Afirma que, mesmo em meio aos efeitos colaterais causados pelos hormônios, não parou o tratamento, pois durante o processo de transição passou a gostar das transformações corporais. No decorrer dos anos obteve destaque na mídia e passou a narrar às pessoas o seu processo de transição. Aos 22 anos realizou a primeira cirurgia para a retirada dos seios e logo depois trocou o seu nome para Tarso Brant, algo que significou um novo passo em direção à reafirmação de sua identidade masculina.

Pode-se observar, a partir da história narrada por Brant, um processo de descoberta e luta pela sua identidade, algo que merece ser legitimado e bem mais discutido. Portanto, dividiremos a análise sobre as narrativas autobiográficas de Tarso em duas partes: 1.Corpo, Gênero e Transexualidade e 2.Preconceito e aceitação.

#### **4.2. Corpo, Gênero e Transexualidade**

Logo no início do livro, Tarso apresenta ao leitor que, durante muito tempo, antes de seu processo de transição, o seu desejo sempre foi, ao se olhar no espelho, conseguir se identificar com a imagem refletida. No entanto, não se reconhecia em um corpo feminino: “não estamos falando somente da aparência, mas sim, da essência (alma). Um sentimento de estar em um corpo com o qual você não se identifica” (*ibid.*, p.139). Eis a frase apresentada por Tarso para referir-se à percepção corporal vivenciada por ele durante muito tempo. Observa-se que a noção de corpo, a partir da vivência transexual narrada por Tarso, é referenciada pelo autor por meio de uma definição de estranhamento quando se percebeu fora das identificações corporais impostas pela cultura dominante, o que influenciou diretamente seus processos subjetivos e a construção de sua existência no mundo. Ele descreve essa sensação de estranhamento como “um sentimento de estar em um corpo com o qual você não se identifica” (*ibid.*, p.139).

É notório, portanto, que Brant sentia-se um estrangeiro em relação ao seu próprio corpo. Ao perscrutar esse escrito do autor, podemos perceber seu desejo de mudança corporal como uma forma de autenticar e subjetivar o verdadeiro corpo e gênero com os quais se identificava. Sobre isso, Butler (1990/2003) nos diz que um corpo não se sujeita diretamente às regras, ou seja, ele está sempre em contínua reinvenção e localiza-se para além dos padrões sexuais impostos.

Nesse sentido, entende-se a noção de corpo em seu caráter subjetivo, constituído pelas experiências/vivências e construído historicamente/socialmente (PORCHAT, 2012). Por isso, a concepção de corpo não pode ser definida enquanto uma superfície biológica, mas algo que está regulado socialmente, culturalmente e politicamente, sendo dominado por “práticas de hierarquia de gênero e heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 1990/2003, p.198).

Outro ponto bastante importante que podemos visualizar nas narrativas expostas por Tarso é o sentimento de inadequação vivenciado, tendo em vista que muitas pessoas ao seu redor o julgavam por conta das suas mudanças corporais: como se o seu corpo fosse a personificação de uma “aberração”. Butler (1990/2003) aponta questões bastantes pertinentes sobre esse aspecto ao utilizar o conceito de corpo abjeto para pensar o gênero e a dita vulnerabilidade dos sujeitos transexuais. A autora define “corpo abjeto” como aquele que a sociedade não quer perceber em si mesmo.

O abjeto se traduz por aquilo que é jogado fora, excluído, produzindo um campo de ação a partir do qual se estabelece a diferença. Essa zona de exclusão delimita o campo do sujeito e o campo das identificações temidas. Esse exterior que constitui o sujeito é também seu interior, enquanto uma exclusão de si próprio que o funda. Sem este repúdio o sujeito não poderia emergir (PORCHAT, 2012, p.199).

Podemos perceber através dos relatos de Tarso o quanto o autor, na tentativa de autenticar a sua existência, muitas vezes se obrigou a viver conforme as regras cis e heteronormativas, abdicando de sua vivência singular de gênero, o que acabou gerando, em muitos momentos, a sua anulação e o seu apagamento enquanto sujeito. Na tentativa de responder a partir do esperado para o gênero feminino, por meio da imposição dos papéis sociais que deveriam ser seguidos a partir do roteiro biológico, Tarso passou por vivências de extremo sofrimento, distanciando-se das pessoas e de si mesmo. Diante de toda a angústia e da impossibilidade de se reconhecer em seu corpo, e de vivenciar sua identidade da forma como gostaria, passou a buscar outras referências de corpo, sexo e gênero.

Como vimos anteriormente, Brant (2017, p.157) declara: “Encontro-me imerso em pensamentos sobre essa ideia distorcida do que é ser HOMEM. Eu não afirmava nada em relação a mim”. Com essa frase, o autor demonstra estar às voltas com pensamentos acerca de um modelo ideal sobre o que é ser homem. Ora, o binarismo imposto à noção de gênero e ao sexo faz com que o modelo ideal em torno do “ser um homem verdadeiro” seja muito difícil de ser rompido, como no caso de Tarso. A partir disso, trava-se a luta constante para se distanciar do modelo social de mulher e reforçar sua imagem masculina.

Sabe-se que há uma exigência social – da família, da ciência, da escola, da religião, da mídia etc. – para que o sujeito transexual seja homem ou mulher e esteja dentro de um enquadre de papéis sociais fruto de padrões inteligíveis ao binarismo de sexo e gênero. Sobre isso, Butler nos diz que:

Se os atributos e atos de gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação

das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2010, p.201).

Tarso relata que, no decorrer da sua infância, sua família diferenciava bastante brincadeiras tidas como masculinas ou femininas e, portanto, era comum que os familiares não concedessem abertura para que ele – que à época ainda se chamava Christina – brincasse de jogos supostamente masculinos. Segundo o autor, sempre lhe chamou bastante atenção brincadeiras, gestos e comportamentos que faziam parte do constructo relacionado ao gênero masculino.

Conforme crescia, Tarso se afastava cada vez mais da infância e, portanto, as exigências para que cumprisse uma performance feminina foram aumentando cada vez mais, o que lhe causava grande desconforto. Em sua adolescência, preferindo não seguir tal performance, Tarso corta o cabelo e passa a apresentar-se com uma imagem cada vez mais masculina. De acordo com Butler (1990/2003), a imagem performática e corporal se relaciona a significados de gênero que são inscritos em corpos sexualmente diferentes e passivos a uma lei cultural. Ou seja, o gênero diz respeito à identificação do sujeito ao seu papel social e cultural.

Tarso se identificava aos papéis de gênero de uma maneira diferente do que todos esperavam dele. Por conta disso, passa a elaborar suas transformações e começa a concordar e respeitar sua transição, mesmo com a sensação de estranheza proveniente da forma como as pessoas lhe enxergavam. É importante destacar que, por mais que a família de Tarso diferenciava as brincadeiras em função dos gêneros e fosse muito alinhada aos ideais impostos pelo Outro, com os quais Brant deveria se identificar, acaba acontecendo algo que foge à regra imposta. Isso enfatiza a complexidade da sexualidade, bem como das identificações fundantes de um sujeito falante.

Brant, quando inicia suas primeiras relações amorosas, descobre sentir-se atraído por mulheres. No entanto, surgem diversas dificuldades em enfrentar um corpo de características biologicamente tidas como femininas e a necessidade constante de também responder ao esperado para o gênero masculino. Junto com tantos questionamentos singulares com os quais Tarso se deparava, o preconceito e a discriminação caminhavam lado a lado.

#### **4.3 Preconceito e aceitação**

Sabe-se que a escola, assim como a família, representa um contexto privilegiado no que se refere à transmissão da cultura, dos valores e das normas sociais, sendo, portanto, indispensável para o investimento de diálogos sobre questões como gênero e sexualidade. O contexto escolar na história de Tarso foi bastante significativo para a construção de vínculos sociais e aspectos identitários. Considera-se que tal contexto pode ser um âmbito propício para fomentar inclusão, socialização e compreensão das diferenças, mas também pode se apresentar como um lugar de exclusão e segregação – a depender da forma como são permitidos e fomentados os espaços de diálogos e discussões sobre temáticas como preconceito, discriminação e respeito à diversidade.

Em seu livro, Tarso descreve que o ambiente escolar se apresentou para ele na infância como um espaço de grande exclusão e desconforto: “colegas me achavam a pessoa estranha da sala” (BRANT, 2017, p.143). Isso se devia ao fato de Brant utilizar roupas tidas como não compatíveis com o gênero feminino. Assim, em meio aos olhares discriminatórios e chamado pelos colegas de apelidos preconceituosos, Tarso passa a fechar-se cada vez mais e ter dificuldade no estabelecimento de laços sociais. Esse desconforto se estende até sua adolescência, período em que os atos de preconceito se tornaram mais frequentes e direcionados. Ademais, as manifestações de preconceito se tornam cada vez mais escrachadas e diretivas quando Tarso passa a ter suas primeiras experiências amorosas com mulheres.

Por conta de toda a opressão vivenciada, Tarso passa a negar o gênero ao qual se identificava, tentando se encaixar no enquadramento performático imposto pelas pessoas que o cercavam, algo que lhe trazia grande sofrimento. Segundo ele, lidar com o preconceito era um dos grandes desafios vivenciados em sua adolescência. Sobre isso Cândido (2016, p.05) aponta:

Como consequência dessa maneira de expressão de identidade transgênera, surgiram também formas específicas de preconceito e discriminação direcionadas a essas pessoas, tanto no aspecto social quanto no organizacional. A essa forma de exclusão e negação dá-se o nome de transfobia, que pode ser definida como um processo de recusa histórica, social e cultural da forma como as pessoas transgêneras constroem seu gênero e vivem sua sexualidade.

Ainda na esteira dessa discussão, Jorge e Travassos (2018) afirmam que a sociedade constantemente responde de forma violenta à diversidade sexual e de

gênero, algo que influencia diretamente na forma como cada indivíduo lida com sua própria sexualidade. Somente em um momento posterior Tarso passa a se importar menos com os atos preconceituosos a ele direcionados: “o preconceito me incomodou até o ponto em que pude notar que ele vinha de pessoas que não tinham nada a acrescentar” (BRANT, 2017, p.143). Com isso, Brant corta seu cabelo, assume para si uma performance tida como masculina e passa a investir cada vez mais no tratamento hormonal. Nesse período, o seu contato com o grupo intitulado Feminino Trans Masculino foi fundamental para construção de sua confiança e autonomia diante de suas escolhas e da forma como queria se posicionar perante sua vivência de gênero. Nesse grupo, Tarso recebe apoio de pessoas que vivenciavam histórias semelhantes e passa a ajudar outros sujeitos que estavam diante da mesma situação. Em um momento posterior, ganha a aceitação e o respeito de sua família.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões traçadas, observa-se um diálogo bastante profícuo no que se refere aos estudos *queer* e às produções teóricas psicanalíticas, principalmente em se tratando dos debates sobre gênero e sexualidade dentro da cultura, aspectos teóricos que nos permitiram aprofundar de forma mais detalhada a noção de transexualidade e de gênero em sua articulação com a autobiografia de Tarso Brant.

Sustenta-se que toda a complexidade proveniente da história de Tarso, apresentada no decorrer do texto, abre possibilidades para a compreensão da vivência transexual, tendo em vista que há uma aposta em dar visibilidade ao lugar de fala desse sujeito por meio das narrativas expostas em seu livro, o que aponta para o posicionamento teórico e político deste artigo, que rompe com os discursos psicopatologizantes em relação à transexualidade. Afirma-se justamente que esses discursos psicopatologizantes tentam desqualificar os lugares de enunciação das vivências de gênero. Acredita-se que este artigo pode contribuir teoricamente e clinicamente, além de fortalecer a construção de caminhos despatologizantes sobre a diversidade sexual e a identidade de gênero.

É importante destacar que não pretendemos, com este texto, esgotar a discussão sobre essa temática, tampouco delimitar respostas prontas e

determinadas sobre o assunto, mas fomentar a construção de novas pesquisas sobre gênero e transexualidade que convoquem sujeitos a falarem sobre suas vivências, mesmo que essa questão adentre um universo denso e polêmico.

Não podemos retroceder diante da luta pela consolidação dos direitos dos sujeitos transexuais, principalmente em uma realidade brasileira que ameaça cotidiana e agressivamente a vida da população LGBTQIA+, contexto que nos intima, motiva e convoca cada vez mais à construção de trabalhos teóricos e empíricos sobre o tema, que tragam em seu bojo um posicionamento crítico, científico e subversivo à lógica psicopatologizante e homogeneizadora sobre a transexualidade.

Pode-se observar, por meio das narrativas trazidas por Tarso em sua autobiografia, que o tipo de identificação presente no autor não se conforma a nenhum padrão biológico ou a qualquer outra noção de sexualidade e identidade naturais. Ademais, apreende-se por meio da leitura de sua autobiografia que a vivência de gênero relatada por Tarso não parece se configurar como uma fragmentação do corpo, nem como uma posição objetal frente ao Outro, dimensões que seriam características da psicose, o que contradiz algumas elaborações psicanalíticas que concebem a transexualidade a partir de um quadro psicopatológico. Entende-se que Tarso tenta constantemente se defender da materialidade de um corpo com o qual não está identificado, mas sobretudo da resistência da cultura em assimilar algo fora da cisheteronormatividade. Nesse sentido, parece evidente sustentar que é justamente a cultura que se defende da transexualidade e tenta invisibilizá-la, talvez porque esta escancara o caráter indomável da sexualidade humana, que constitui uma expressão referente a uma construção sócio-histórica, resultando na formação de identidades de gênero.

Observou-se, também, que durante muito tempo a temática da transexualidade adentrou o campo acadêmico como um fenômeno patológico, influenciado, inclusive, por produções psicanalíticas sobre o assunto – que pretendemos subverter nesse texto. Ademais, percebe-se que ainda na contemporaneidade os sujeitos transexuais são colocados em uma posição de exclusão. Desse modo, com o apoio teórico dos estudos *queer* e da perspectiva psicanalítica, elaboramos neste trabalho a possibilidade de uma postura ética e política de considerar as singularidades de cada sujeito.

Conclui-se que por meio deste artigo podemos apreender, a partir da história de Brant, a possibilidade de um debate intenso sobre a questão da identidade de gênero a partir da transexualidade e heteronormatividade, além de apresentar discussões atreladas às convenções sociais impostas e reforçadas ao longo dos séculos por regras culturais homogeneizantes e padronizadas, que reservam aos sujeitos trans posições muito específicas, próximas à abjeção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSANDRIN, A. **Droit, psychiatrie et corps trans: le triple débordement**. Paris, L'Harmattan, p.141-156, 2012.

ANTRA. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais**, 2020. Disponível em: <<https://antrabrasil.org>>. Acesso em 10 jan 2021.

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 9, p. 49-63, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/hHHJzvicydZGF8h7Ck373QS/?format=pdf&lang=pt>

AYOUCHE, T. Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. **Percurso 54: Exigências da clínica e da cultura à psicanálise**. 2015. disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01498414/document>

AYOUCHE, T. Quem tem medo dos saberes T.? Psicanálise, estudos transgêneros, saberes situados. **Periódicus**, 5(1). 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17171/11326>

BRASIL. **Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016**. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm). Acesso em: 10 nov 2018.

BENJAMIN, H. **The transsexual phenomenon**. New York: Julian Press, 1966.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro, 2006.

BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. In: **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 02, ago. 2012.

BRANT, T. et. al. **Vidas trans**. Bauru, São Paulo: Astral Cultural, 2017.

BUTLER, J. (1990). **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade** (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. (1990). **Troubles dans le genre: le féminisme et la subversion de l'identité**. Paris: La Découverte. 2005.

BUTLER, J. Corpos que pesam, sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, J. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

- CÂNDIDO, L. B. Medo e preconceito: experiências de transgêneros no contexto organizacional. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/61/53>
- CECCARELLI, P. R. **Transexualismo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- CHILAND, C. (2005). Problèmes posés par les transsexuels aux psychanalystes. **Revue Française de Psychanalyse**, v. 69, n. 2, p. 563-577.
- CHILAND, C. **Transexualismo**. São Paulo: Loyola. 2008.
- COSSI, R. K.; DUNKER, C. I. L. A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 33, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/19501>.
- CZERMAK, M. (1991). **Precisões sobre a Clínica do Transexualismo. Paixões do objeto**. Porto Alegre: Artes Médicas. P.83-96.
- FIGUEIREDO, E.. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. **Revista Criação & Crítica**, n. 20, p. 40-55, 2018. <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143/139436>
- FUKS, B. B.. O pensamento freudiano sobre a intolerância. **Psicologia clínica**, v. 19, p. 59-73, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/Xhp9ZsDvDhsmtv4rWPZ9kct/?format=pdf&lang=pt>
- FREUD, S. (1911/1913). **O Caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XII. p.161-71.
- FREUD, S. (1915). **Os Instintos e Suas Vicissitudes**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1923). **O Ego e o Id**. In: Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FRIGNET, H. Identité sexuelle et transexualisme. Logos et Anankè. **Revue de Psychanalyse et de Psychopathologie**, n.1, p.83-96. 1999.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A.C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4.ed. São Paulo, Editora Atlas, 2007.
- JORGE, M. A. C., TRAVASSOS, N. P. **Transexualidade: O corpo entre o sujeito e a ciência**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. 2018.

KOSOVSKI, G. F. Lacan e o transexual de Stoller. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, Ano VIII, Ed.2, p.133-142. 2016.

LACAN, J. (1971). **O Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

LACAN, J. (1964). **O seminário, livro 11**. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Ed. Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J. **Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano**. (V. Dresch e M. Marques, trads.). Porto Alegre, RS: Dublinense. 2015.

MARTINS, A. C. B. L.; POLI, M. C. Transexualidade e norma sexual: a psicanálise e os estudos *queer*. **Revista Subjetividades**, vol. 18, pp. 55-67, 2018.

MILLOT, C. **Extrasexo, Ensaio sobre o transexualismo**, São Paulo: Escuta. 1992.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

PEREIRA, P. P. G. **A teoria queer e a Reinvenção do corpo**. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/G6SYh9s6JvVSKkYgYsm85xq/?lang=pt&format=pdf>

PINO, N. P. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos. **cadernos pagu**, p. 149-174, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/knKyktZNBTwJrkF9dL3zvbB/?lang=pt&format=pdf>.

PORCHAT, P. Psicanálise, gênero e singularidade. **Revista faac**, v. 2, n. 2, p. 195-202, 2012. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/revistafaac/index.php/revista/article/view/135/60>

PORCHAT, P. Barulhos de gênero. In C. Fraçoia, P. Porchat, & P. Corsetto (Orgs.), **Psicanálise e gênero: Narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina** (pp.35-43). Curitiba, PR: Calligraphie. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/e9793/pdf>

ROCHA, C. B. A. Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler. **Cad. Pagu**, Campinas. 2014.

SANTOS, M. F. L; ARÁN, M. A construção do dispositivo da transexualidade: Saberes, tessituras e singularidades nas vivências trans. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES: Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura**. Salvador, Bahia. 2011. Disponível em: <https://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/a-construc3a7c3a3o-do-dispositivo-da-transexualidade-saberes-tessituras-e-singularidades-nas-vivc3aancias-trans1.pdf>.

SEIDMAN, S. **Teoria queer/sociologia**. Malden: Blackwell, 1996.

SILVA, R. G. L. B. et. al. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Revista Ter Ocup Univ.** São Paulo. 2015.

STOLLER, R. A further contribution to the study of gender identity. **Internacional Journal of Psycho-Analysis**, 49, pp. 220-226, 1968.

STOLLER, R. (1975). **A experiência transexual.** Rio de Janeiro: Imago, 1982.

STONA, J.; FERRARI, A. G. Transfobias psicanalíticas. **Revista: Subjetividade: Estudos teóricos.** 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/218361>

THOMAS, M., ESPINEIRA, K. & ALESSANDRIN, A. De la militance trans à la transmission des savoirs: la place du sujet trans dans le lien social. **Le sujet dans la cité**, 4(2), 132-143, 2013.

TRANSGENDER EUROPE (TGEU). Projeto de investigação TvT. **Observatório de Pessoas Trans Assassinadas (TMM).** Atualização TDoR [Internet]. 2019 [cited 2018 Nov 18]. Disponível em: <http://bit.ly/2XmFPhv>» <http://bit.ly/2XmFPhv>

ZANETTI, S. A. S.; KUPFER, M. C. M. O relato do caos clínico em psicanálise: Um estudo. **Estilos da Clínica, Vol. XI, Nº 21**, p. 170-185. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46009/49634>